

Uma flor africana: literatura infanto-juvenil brasileira e relações étnico-raciais

Maurício Silva*

Wendel Christal*

Resumo

O presente artigo trata das possíveis relações entre a literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea e a questão das relações étnico-raciais, destacando aspectos relacionados não apenas à discriminação racial, mas também à contribuição da cultura africana para cultura e história brasileiras. Trata-se de uma discussão que se insere no contexto normativo da lei 10.639/03, mas principalmente numa ampla reflexão histórica sobre a formação da sociedade brasileira e da contribuição, para essa formação, da cultura de matriz africana. Diante desse quadro, propomos exemplificar como essas relações e esses fatos se concretizam no âmbito da literatura com a análise do livro *Obax* (2010), de André Neves.

Abstract

This article discusses the possible relationships between contemporary Brazilian children's literature and the ethnic and racial relations, highlighting aspects not only racial discrimination, but also the contribution of African culture to culture and history Brazilian. This discussion points out the importance of Law 10.639/03, in the Brazilian educational context. This article proposes exemplify how these relationships and these facts are realized in literature with the analysis of the book *Obax* (2010), André Neves.

Palavras-chave

Literatura infanto-juvenil; relações étnico-raciais; racismo; lei 10.639/03; André Neves

Key words

Children's literature; ethnic-racial relations; racism; law 10.639/03; André Neves

* Maurício Silva é professor da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil. maurisil@gmail.com

* Wendel Christal é professor da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil. ndelchristal@yahoo.com.br.

Introdução

O encontro entre a literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais resulta num complexo conjunto de manifestações artístico-literárias, que engloba desde obras que tematizam o universo da cultura africana e afro-brasileira ou que abordam o preconceito racial diante a realidade social contemporânea, até obras que tratam da escravidão e suas representações, da identidade negra e da diversidade cultural do Brasil, entre outras. Essa discussão pode-se adensar ainda mais se levarmos em consideração a dificuldade de caracterização dessa literatura, que para a crítica especializada se define ora como uma literatura *negra*, ora como *afro-brasileira*, ora ainda como *afrodescendente*. De qualquer maneira, independentemente da "divisão" que se faça da produção literária infanto-juvenil vinculada às questões étnico-raciais e da "definição" que suas diversas manifestações podem assumir, o fato é que essa produção - ao se associar às noções de multiculturalismo e pluralidade étnica - não prescinde de um agenciamento que resulta numa conscientização da identidade negra, por isso mesmo não apenas inserindo-se no contexto normativo da lei 10.639/03, mas principalmente numa ampla discussão histórica da formação da sociedade brasileira.

Ao se pensar analisar essa produção, percebe-se, por exemplo, que, embora a figura do negro continue pejorativamente marcada no imaginário brasileiro, gerando preconceitos diversos, há atualmente uma produção literária infanto-juvenil que já aponta para um movimento de transformação desse padrão, com a publicação de obras que procuram valorizar a figura do afrodescendente e realçar uma identidade que se constrói a partir da diversidade. Nesse sentido, percebe-se um caminhar na direção da construção de uma literatura mais condizente com a realidade contemporânea, mas sem deixar de lado uma perspectiva crítica que, por isso mesmo, denuncia atos de discriminação implícita ou explícita, ainda presentes em nossa produção literária para crianças e jovens, reflexo mais evidente e direto de uma sociedade cronicamente excludente, como é a sociedade brasileira.

O presente artigo trata das possíveis relações entre a literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea e a questão das relações étnico-raciais, destacando aspectos relacionados à crítica à discriminação racial e combate ao racismo, bem como à

representação da personagem afrodescendente nesta produção literária. Para tanto, além de considerações analíticas de obras que abordam as temáticas aqui destacadas, direta ou indiretamente relacionadas ao universo das questões étnico-raciais, propomos exemplificar como essas relações e esses fatos se concretizam no âmbito da literatura com a análise do livro *Obax* (2010), de André Neves, livro agraciado com o selo de "leitura altamente recomendável" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2011. Traduzido para idiomas diversos, *Obax* (palavra que significa *flor*) narra a história - ambientada no continente africano - de uma menina criativa e sensível, cujas peripécias servem de pretexto para a exposição de um rico universo cultural africano e afro-brasileiro.

Relações étnico-raciais no contexto da educação brasileira e a literatura infanto-juvenil

A legislação voltada às questões étnico-raciais no Brasil não é nova, embora sua aplicação tenha sido prejudicada por uma série de percalços, que vão do histórico preconceito que impera na sociedade brasileira à impedimentos de natureza jurídica e afins. Especificamente sobre a educação das relações étnico-raciais, há uma legislação específica aprovada, e os direitos da população negra (embora não apenas dela) passaram a ser garantidos pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), que estabelece, entre outras coisas, o respeito aos valores culturais na educação e repúdio ao racismo, na medida em que determina o estudo das e o respeito às contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro. Semelhante determinação acabaria resultando naquela lei que, mais do que qualquer outra, incide diretamente sobre a importância da contribuição das matrizes culturais próprias da população afrodescendente: trata-se da Lei 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, por meio da qual se torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, o que assinala a necessidade do estabelecimento de novas diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais no Brasil.

O encontro entre a literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais resulta num complexo conjunto de manifestações artístico-literárias que Luiz Fernando França subdividiu da seguinte maneira: obras que tematizam o universo da cultura africana e afro-

brasileira; obras que tematizam o preconceito racial diante a realidade social contemporânea; obras que tematizam a escravidão; obras que tematizam a identidade negra e a diversidade cultural do Brasil; e obras que, sem abordar diretamente a questão racial, apresentam o negro como personagem literária, em situação de igualdade com os outros personagens (FRANÇA, 2008). Seu quadro exprime bem a diversidade de perspectivas que podem ser adotadas para se tratar da conjunção entre a literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais, revelando o quanto semelhante abordagem pode ser rica e complexa. Diante do quadro exposto, contudo, ainda caberia perguntar: qual a natureza - e, por extensão, quais as propriedades, as idiosincrasias, os elementos determinantes - de uma literatura infanto-juvenil especialmente vinculadas - seja pela temática, seja pela autoria, seja ainda pela ideologia veiculada - à questão étnico-racial?

Pesquisas acadêmicas ou não, voltadas para a presença da temática negra nas obras de literatura infanto-juvenil brasileira podem nos apontar o caminho para uma resposta minimamente satisfatória. Em seu já clássico estudo sobre o perfil ideológico dessa literatura no período de 1955 a 1975, Fúlvia Rosenberg, analisando 168 livros infanto-juvenis brasileiros (num total de 626 histórias), detecta, entre outras coisas, um tratamento diferenciado - que, no entanto, aparece de forma aberta ou velada - dado a brancos e negros. Assim, segundo seu estudo, personagens mais frequentes nos textos e nas ilustrações, os brancos são também representados como modelos da espécie humana, apresentando atividades profissionais mais diversificadas, recebendo melhor acabamento estético, representando figuras e personagens históricos mais relevantes etc. (ROSEMBERG, 1985), o que pode resultar, por fim, não apenas na instauração de um processo discriminatório de fato, mas de uma *violência simbólica* (LIMA, 2005). Ao se pensar nessa questão de forma similar, mais de duas décadas depois, percebe-se, por exemplo, que, embora a figura do negro continue pejorativamente marcada no imaginário brasileiro, gerando preconceitos diversos, há atualmente uma produção literária infanto-juvenil que já aponta para um movimento de transformação desse padrão, com a publicação de obras que procuram valorizar a figura do negro e realçar uma identidade que se constrói a partir da diversidade (KNOP, 2010). Percebe-se, portanto, uma diferença significativa, que acusa - inclusive quantitativamente (DEBUS, 2007; DEBUS & VASQUES, 2009) - um caminhar na direção da construção de uma literatura mais condizente com a realidade

atual, mas sem deixar de lado uma perspectiva crítica que, por isso mesmo, denuncia atos de discriminação implícita ou explícita, ainda presentes em nossa produção literária infanto-juvenil.

Buscando, portanto, responder em parte o questionamento feito acima, acerca dos vínculos entre a literatura infanto-juvenil e questões de natureza étnico-racial, partimos, antes de mais nada, do princípio de que, como já se afirmou mais de uma vez (SILVA, s.d.), assumir/incluir posicionamentos éticos nos textos literários para crianças e jovens - especialmente voltados para as relações étnico-raciais - não significa limitar o potencial estético das obras. A partir desse ponto de vista, não hesitamos em afirmar que a literatura infanto-juvenil direta ou indiretamente vinculada às relações étnico-raciais pauta-se ou deve pautar-se por atitudes de valorização da cultura afro-brasileira, de estímulo à (re)construção de uma identidade afro-descendente, de resgate da autoestima, dos valores culturais, dos direitos, da memória e da identidade do negro, desfazendo injustiças seculares e ressemantizando o conceito de *negritude* a partir de um agenciamento afro-brasileiro, atitudes, por fim, norteadas pelos princípios genéricos de multiculturalismo e pluralidade étnica, antes citados.

Há, na vasta produção literária brasileira voltada para crianças e jovens, em especial naquelas que procuram destacar/explorar motivos de extração étnico-racial, alguns temas recorrentes que, por sua própria natureza, contribuem para uma mais intensa e profunda reflexão sobre o lugar que o negro ocupa em nossa sociedade atualmente. Trata-se, antes de mais nada, de textos que, senão pela posição pessoal que seus autores ocupam/assumem diante do campo literário, pelo menos pela temática que abordam com maior ou menor grau de explicitação, inserem-se na ou pelo menos dialogam com aquelas obras e autores em que Eduardo Duarte detectou um deliberado *pertencimento étnico* (DUARTE, 2013).

É o que se pode verificar nos mais diversos títulos, que discutem desde questões relativas a traços fisionômicos e/ou fenotípicos do afrodescendente - como *Menina Bonita do Laço de Fita* (2000), de Ana Maria Machado; *O círculo* (1985), de Maria Lysia Corrêa de Araújo; ou *O herói de Damião (A descoberta da capoeira)* (2000), de Isa Lolito -, passando por discussões acerca da questão racial propriamente dita - com *Irmão Negro* (1995), de Walcyr Carrasco; *Felicidade não tem cor* (1997) e *Pretinha, eu?* (2008), de Júlio Emílio Braz; ou *O amigo do rei* (1999), de Ruth Rocha - até temas mais contundentes e

polêmicos, como o da negritude, do racismo e do preconceito - por exemplo, em *A cor da ternura* (1989), de Geni Guimarães; em *O sol da liberdade* (1985), de Giselda Laporta Nicolelis; ou em *Os bons e os justos (A fábula do amor bastardo)* (1983), de Lourenço Cazarré.

Obax: uma menina, uma pedra e um universo de imaginação

Uma menina, uma pequena pedra e um universo de imaginação: eis os componentes básicos presentes na ilustração da capa de uma obra que convida o leitor à imersão pelas trilhas da literatura infantil de temática africana: o premiado livro *Obax*, do escritor e ilustrador André Neves, publicado no Brasil pela Brinque-Book e em Portugal pela editora Paleta de Cores.

O livro insere-se no rol de textos literários africanos infantis que se destacam devido ao modo artístico como texto e sobretudo a imagem representam aspectos relacionados ao continente africano, bem como ao próprio universo infantil. Por esses fatores, *Obax* recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior, dentre os quais, o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de melhor livro infantil em 2011; na Itália, o Prêmio Speciali, do Concurso Lucca Comics e Games e em Munique, Alemanha, faz parte do catálogo White Ravens, de 2010. Por outro lado, a obra também é representativa devido ao contexto em que é publicada e depois premiada: alguns anos após a publicação da lei federal 10.639/03, a qual visa garantir o ensino da história, da cultura e da literatura africanas, mas que tem a intenção de contribuir, na esfera da educação, para o combate ao problema do racismo no Brasil.

A premiações que coroam *Obax* deve-se a um duplo atributo artístico: o fato do autor da obra ser, além de escritor, ilustrador, algo que resulta em uma qualidade estética ímpar. Por isso, tanto este como vários outros livros seus obtêm na capa o selo de obra “Altamente recomendável” da FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Com obras também no exterior, André Neves continua a publicar na esfera da literatura para crianças. Em princípio iniciou sua carreira apenas como ilustrador em Recife mas posteriormente, em São Paulo, tornou-se também escritor. Atualmente mora em Porto Alegre-RS e participa ativamente do mercado do livro e da promoção à leitura no Brasil e

no exterior, com destaque a cursos de ilustração na Scuola Internazionale d'illustrazione Stepan Zavrel, na Itália.

Acreditamos que *Obax* pode contribuir de modo significativo para a reflexão do leitor ou discussão de aspectos das culturas brasileira e africana, para além de outros desígnios de que toda obra de arte pode dispor, como é o caso da literatura. Vejamos por quê. A história gira em torno de uma destemida menina chamada Obax, de sublime imaginação, cujo passatempo era contar histórias. Todos da aldeia a reconheciam por isso. Certa vez, em uma dessas histórias, diz a todos que havia visto uma chuva de flores, mas não é levada a sério por seus ouvintes, já que naquele lugar desértico sequer chovia água. Entristecida, Obax decide não contar mais suas histórias. Mas ao tropeçar em uma pequena pedra em forma de elefante, resolve então fazer uma viagem à procura desse fenômeno, a fim de garantir que dizia a verdade. Para essa jornada, pede a ajuda de Nafisa, um elefante que havia se perdido dos demais e vivia sozinho na savana. A viagem transforma-se em uma volta ao mundo através de vários países. Durante esse percurso veem chuvas diversas: de água, de pedras, de estrelas, de folhas e flocos de algodão, exceto a de flores. Ao fim dessa jornada, encontram-se novamente na savana de onde partiram. Felizes com o retorno de Obax, todos ouvem suas aventuras mas não creem nelas. Para prová-las, Obax os convida a sair para fora do local onde encontravam-se e irem ao encontro de sua testemunha, o elefante Nafisa. Entretanto, a menina depara-se apenas com a tal pedra em forma de elefante, e decepcionada, a enterra. No dia seguinte, porém, no mesmo local onde a pedra estava, surge uma grande árvore, o baobá, “grosso e forte como um elefante”. E quando a menina se aproxima da árvore, os pássaros agitam-se e batem tão fortemente suas asas de modo a provocar uma chuva de flores e encher de brilho os olhos da protagonista. A história termina com os personagens, agora crédulos nas palavras da menina, utilizando a grande árvore para descansar e sonhar com as histórias de Obax.

Antes de iniciar nossa leitura da obra, cumpre ressaltar a nota que o livro traz depois que termina a história: a contextualização das condições de produção da mesma (NEVES, 2011, p. 34). A fim de que não a posicione no panorama de histórias nas quais ilustração e narração são rotuladas em razão do modo estereotipado como representam o continente africano, sabiamente o autor explica em tal nota quais as regiões da África a história de Obax representa em específico: trata-se de aldeias isoladas pertencentes a alguns

países da África ocidental, tais como: Nigéria, Costa do Marfim, Senegal, Mauritânia e Mali. Além disso, o autor explica que se baseou em diversas pesquisas sobre essas regiões para criar o nome das personagens principais, Obax e Nafisa, para caracterizar suas vestimentas e contextualizar a história, além de salientar que trata-se de uma criação ficcional sobre essa parte da África, ao invés dos frequentes recontos de mitos ou lendas publicados sobre o respectivo continente. Por outro lado, acreditamos que a obra suplanta a ideia de que faz referência a apenas contextos específicos, pois, em razão de seu caráter estético, posiciona-se entre textos de literatura infantil que “podem cruzar o limite entre os mundos verbal e pré-verbal” (HUNT, 2014, p. 64), de modo que possa ser lido e aplicado a inúmeros contextos e lugares.

No que compete à linguagem escrita, o narrador começa e termina a narrativa sem mencionar o lugar onde se passa a história, e a inicia a partir da descrição do tempo, do espaço e das personagens secundárias:

"QUANDO o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece, enquanto os homens lavram a terra e as mulheres cuidam dos afazeres domésticos e das crianças. Ao anoitecer, tudo volta a se encher de vazio, e o silêncio negro se transforma num ótimo companheiro para compartilhar boas histórias". (NEVES, 2011, p. 6)

Em tom poético, a partir de criativas metáforas, narra-se o dia a dia dos habitantes da savana, bem como sua organização social, conferindo à prática de contar histórias o poder central de agregar pessoas sob o manto escuro e silencioso da noite. Nessa página, a ilustração amplia tanto a noção de espaço, ao expandir o horizonte do leitor pelo amarelo das areias que se espraia por toda a página sob o ponto de vista vertical do espaço, bem como a ideia sobre a aridez da terra: apenas algumas plantas secas e pedras ilustradas pelas bordas das páginas, entremeadas por alguns utensílios e certos tipos de habitações, características que remetem o leitor a um contexto de alguma tribo. Texto e ilustração, portanto, possuem muitos elementos comuns, mas também diferentes, pois acentua-se na ilustração a noção de lugar deserto.

Assim que o leitor é situado no tempo e no espaço, ao virar a próxima página, depara-se, entretanto, com outra sem ilustração alguma, isto é, apenas o seguinte texto: “Ali morava a pequena Obax” (NEVES, 2011, p. 8). Mas na página ao lado, a protagonista é

ilustrada no topo de uma construção singular, acréscimo visual que vai além do texto verbal. Nesse caso, estilo da ilustração remonta às obras do artista holandês Maurits Cornelis Escher: trata-se de uma torre composta por várias figuras geométricas, cuja imagem induz a ideia de uma princesa livre no cume de seu castelo, ao contrário da famigerada menina de cabelos compridos presa no topo do castelo, a Rapunzel, o clássico conto de fadas de Charles Perrault. Assim, nessa ilustração de *Obax*, as escadas de livre acesso, componente importante nas obras de Escher, confirmam a noção de liberdade da protagonista, assim como o do leitor, os caminhos para o infinito da possibilidade imaginativa.

Na opinião de Cagneti e Silva (2013), ao se pensar no uso didático dessa obra na escola, o fato de suas ilustrações fundir tendências artísticas cria possibilidade ao professor de “uma discussão em torno da hibridização nesse tipo de criação” (p. 42), isto é, instiga o leitor a decifrar sua gramática visual e assim percorrer outras trilhas de leituras da obra.

Um aspecto importante do contexto afro presente na mesma ilustração da página 9 diz respeito ao modo como a personagem é representada no texto visual: o cabelo em forma de biotes, a pele negra e a roupa colorida, acrescida de um efeito de estilo alinhado com o contexto da história: a cabeça maior, em forma de caricatura, cuja ênfase recai sobre a inteligência da personagem, a criativa heroína contadora de histórias. Outro detalhe também singulariza todos os outros personagens humanos da história: no lugar do nariz, possuem um objeto de madeira, espécie de adorno que trazem ao corpo que tanto pode remeter a tribos africanas ou ser mais uma componente ficcional na ilustração a provocar a imaginação do leitor.

Aliás, a respeito do sonho, destaca-se na obra o modo como a heroína procura resolver seu problema inicial: ver a chuva de flores. Dado o potencial imaginativo da menina, para atingir seu objeto, a metáfora da pedra/obstáculo, “uma pedra no meio do caminho”, associa-se à aparição de Nafisa: o potencial amigo elefante, a possibilidade de transportá-la por inimagináveis experiências em busca da chuva de flores. Assim, Nafisa, à maneira dos contos de fadas, funciona como entidade mágica que auxilia o herói a atingir seus propósitos (COELHO, 2000), pois, conforme o *Dicionário de símbolos*, de Chavelier & Gheerbrant (1982), em África o elefante detém os atributos perceptíveis na pequena *Obax*, “a força, a prosperidade, a longevidade e a sabedoria” (p. 279).

Além disso, à luz da metáfora do sonho e do poder, a imagem do elefante vai adquirindo uma dimensão maior na sequência das páginas (p. 19-23) em que é construído, ampliando a ideia de robustez do poder adquirido pela menina, e também a dimensão de seu sonho. Além disso, nessas mesmas páginas, os dois personagens podem ser vistos por diferentes prismas: primeiro, por meio de um ângulo mais distante, onde um está de frente ao outro, unidos pelo toque da menina na tromba do elefante, ou seja, a afirmação da amizade cúmplice. Já na imagem seguinte (p. 20-21), o ângulo é de cima para baixo, com destaque ao contraste entre os tamanhos das personagens e à robustez do elefante tatuado de elementos florais. Por fim (p. 22-32), vê-se os dois personagens pela lateral, isto é, somente um recorte do elefante, obtido por uma narrativa visual que emprega o recurso de zoom, como um narrador câmera. Nessa ilustração, o elefante parece ser um animal ainda maior, mas seu tamanho contrasta com a expressividade terna de seu olhar. Já a menina, muito pequenina em cima da tromba, conota interesse e objetividade pela posição na qual se encontra, com o corpo empinado à frente.

É em cima do elefante que a menina completa a sua jornada, cuja imagem remete à ideia de empoderamento: ela é a heroína detentora do saber e do poder, pois sabe como fazer, e Nafisa lhe possibilita o poder de fazer, atributos importantes para a construção da autonomia. Ressalte-se que nessa ilustração (p. 22-23), na perspectiva de cima para baixo, o contraste que assinala a diferença de tamanho entre a menina e do elefante potencializa a ideia de empoderamento da heroína, remete à dimensão do poder: o protagonismo positivo da criança negra, imagem ainda muito ausente em histórias infantis da literatura brasileira, sobretudo no contexto escolar, em um país onde em conformidade com os dados do último censo realizado em 2010, mais de 50% da população autodeclarou-se negra ou parda.

Após a viagem de Obax e Nafisa, embora não consigam ver a chuva de flores, a importância desse deslocamento recai sobre a saída do contexto, o percurso, a travessia, a necessidade do amadurecimento. Nesse sentido, a viagem funciona como a alegoria do enfrentamento do mundo: as novas descobertas, as novas experiências, aspectos cruciais para maximizar a visão de mundo do herói. Note-se que no livro a viagem e as diferentes chuvas não são ilustradas, de maneira que compete ao leitor imaginar os caminhos pelos quais Obax e Nafisa transitaram (p. 19-23).

Ao final do livro, constata-se novamente o destaque à imaginação de Obax. Apesar

do elefante voltar à forma de pedra, em seguida ele se transforma em uma árvore, um “imenso baobá”, na versão brasileira, ou “embondeiro” para o português de Portugal. Dessa vez, no cotejo entre o verbal e o visual, as palavras transformam-se em uma ilustração operada pela metonímia, já que o leitor vê no desenho da página 29 apenas o grosso tronco da árvore, situado para além do teto das casas, e o início de alguns galhos.

Verifica-se ainda que a metamorfose pedra-elefante-árvore é assinalada na ilustração a partir da repetição da mesma estampa desenhada em tons pastéis claros presentes nas três figuras (pedra, elefante e árvore), indício que possibilita o leitor associá-los e perceber suas mutações. Toda essa trajetória culmina no surgimento da árvore, a grande portadora dos sonhos que reforça o poder da vida, a constante evolução, bem como a própria ideia fertilidade que os pássaros ajudam a construir no texto e na imagem, gerando a tão sonhada chuva de flores.

Aliás, o baobá, árvore perigosa aos olhos d’*O Pequeno príncipe*, de Exupéry, em Senegal é um dos emblemas presentes na bandeira do país, além de ser portadora de inúmeras histórias, lendas e mitos devido ao exótico formato e sua longevidade, já que podem chegar a seis mil anos de vida. Segundo o pesquisador do folclore brasileiro, Câmara Cascudo, as poucas espécies dessa árvore presentes no Brasil foram trazidas por sacerdotes africanos para o culto de suas religiões. Essa informação, associada à natureza mítica da árvore, enriquece ainda mais sua presença na obra, de forma marcar a história com mais um elemento que une e relembra a relação África-Brasil, para além de tantas outras conexões que compõem o legado construído pelos negros na história da formação da história, da cultura, da língua, do comportamento, da culinária, isto é, de inúmeros aspectos que constituem hoje o Brasil.

Por fim, note-se também que na última ilustração as flores estão estilizadas em forma de pequenos círculos ou mandalas, isto é, novamente o recurso à geometrização das formas, ainda à moda de Escher, uma bela imagem que preenche as páginas 30 e 31, inúmeras flores portadoras da infinita possibilidade da concretização dos sonhos, pois a heroína condensa essa possibilidade tanto em seu percurso na história, como também em seu próprio nome, Obax, palavra da língua somali que significa “flor” em português.

Considerações finais

Considerada até pouco tempo um gênero literário secundário, a literatura infanto-juvenil passou a ter uma importância incomensurável na atualidade, atuando ainda na construção da própria cidadania da criança, facilitando o diálogo e a formação de uma consciência crítica no leitor-mirim. Desse modo, tanto o educador quanto os pais têm oportunidade de trabalhar conflitos infantis a partir de histórias que estimulem o imaginário infantil, mas também que levem em conta aspectos diversos da sociedade contemporânea, como é o caso das relações étnico-raciais e os conflitos que delas resultam.

Semelhante constatação pressupõe, contudo, uma consideração mais ampla e, também, mais crítica da questão: Rosane Cardoso, por exemplo, lembra que mesmo a produção infanto-juvenil brasileira contemporânea não é pródiga em trazer personagens com quem a criança afrodescendente possa se identificar, embora algumas exceções já comecem a surgir no cenário atual. E completa: "a presença de personagens negras na literatura é fundamental para todos os leitores. Se, por um lado, para a criança negra, essa mudança pode contribuir para a autoestima e o seu reconhecimento no mundo, para a branca pode ser o espaço de reconhecimento da diversidade étnica" (CARDOSO, 2011, p. 131).

A questão da identificação do leitor com personagens da literatura infanto-juvenil - bem como a consideração da leitura como forma de superação de preconceitos - também é ressaltada por Ruth Barreiros, que considera que "a identificação com narrativas próximas da sua realidade e com personagens que vivem problemas e situações semelhantes as suas leva o leitor a reelaborar e se conscientizar sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica" (BARREIROS, 2009, p. 04).

Na esfera da legitimidade da lei 10.639/03, no contexto escolar brasileiro, acreditamos no potencial de *Obax*, no sentido de enriquecer o rol de leituras e discussões sobre a temática africana dentro e fora da sala de aula, e poder conferir visibilidade e protagonismo positivo à criança negra, aspectos cruciais para construção da identidade da criança negra, bem como para o combate ao racismo no Brasil, além de inúmeros outros aspectos a que toda obra de arte pode dispor. Cumpre aos intermediários da leitura, pais, professores e contadores de histórias, oportunizar leituras da obra construídas a partir de uma preparação calcada em pesquisas e leitura rigorosa dos textos verbais e visuais, para

que *Obax*, a flor africana, possa enfim desabrochar e produzir seus frutos, sobretudo em solos geradores de racismo.

Referências bibliográficas

- BARREIROS, Ruth Ceccon. "A literatura infantil Afro-Brasileira e a Formação Leitora no Ensino Fundamental". *Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil – COLE*, Campinas, Unicamp, jul. 2009, p. 01-09 (http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_3659.pdf)
- CAGNETI, Sueli de Souza; SILVA, Cleber Fabiano da. *Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África*. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- CARDOSO, Rosane. "A criança que se lê, o mundo que se percebe, o sonho que se constrói: possibilidades da inclusão étnico-racial". In: OLIVEIRA, Alexandre *et alii*. *Deslocamentos críticos*. São Paulo, Itaú Cultural/Babel, 2011, p. 129-142.
- CHAVELIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Lisboa, Teorema, 1982.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo, Moderna, 2000.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. "A Literatura Infantil Contemporânea e a Temática Étnico-Racial: Mapeando a Produção". *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - COLE*, Campinas, Unicamp, jul. 2007, p. 01-10 (http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss12_06.pdf)
- DEBUS, Eliane Santana Dias & VASQUES, Margarida Cristina. "A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola". *Conjectura*. Universidade de Caxias do Sul, Vol. 14, No. 2: 133-144, Mai.-Ago. 2009.
- DUARTE, Eduardo de Assis. "Na cartografia do romance afro-brasileiro, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves". In: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller (orgs.). *Crítica Pós-Colonial. Panorama de Leituras Contemporâneas*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2013, p. 208-227.
- FRANÇA, Luiz Fernando de. "Desconstrução dos estereótipos negativo do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marron*, de

- Ziraldó". *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, Universidade de Brasília, No. 31: 111-127, 2008. (<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/2022/1595>)
- HUNT, Peter. "A crítica e o livro ilustrado". *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo, Cosac Naify, 2014 (Kindle).
- KNOP, Rita Maria. *Antes, era uma vez, hoje, essa é a sua vez: uma abordagem comparativa da representação social do negro na literatura para crianças*. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010 (dissertação de mestrado).
- LIMA, Heloisa Pires. "Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil". In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília, Ministério da Educação/SECAD, 2005, p. 101-115.
- NEVES, André. *Obax*. Ilustrações de André Neves. São Paulo, Brinque-Book, 2011.
- _____. *Obax*. Ilustrações de André Neves. Braga, Portugal, Paleta de Cores, 2013.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo Global, 1985.
- SILVA, Liliane Maria Jamir e. "O imaginário da inclusão na Literatura Infanto-Juvenil". *Construir Notícias*, Recife, s.d. (<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1044>)